



تفاهة

## PERSPECTIVAS QUE SABEM DANÇAR

Nas duas últimas décadas, fomos testemunhas de uma mudança de paradigma em nossa sociedade: mulheres, indígenas, queers e afro-descendentes, começaram a se colocar cada vez mais atuantes na política, na arte e na literatura. Ficou evidente que os temas e a história contada de forma repetitiva até então, eram a daqueles que detinham o poder, uma ótica colonial que excluía inúmeros temas, diálogos, esquemas corporais e subjetividades. Percebemos que há muito a ser escutado, por conciliar, dialogar e recriar.

Foi por esta razão que nós, criadores e curadores do TRANÇA, convidamos pesquisadores, detentores de tecnologias ancestrais e autores emergentes, para construir uma visão expandida de arte, vida e literatura. Para além do minucioso trabalho de tirar a mulher branca do lugar de cúmplice ambígua de um sistema que a violenta, restringe e silencia, de tirar afro-brasileiros e indígenas da estereotipagem, da erótica subjugação, e das violências físicas e epistemológicas contra suas culturas, e de tirar o queer da posição de degeneração e naturalização de barbáries contra sua vida, enxergamos um campo vasto de encontros e diálogos possíveis. Percebemos que a soma dos grupos minoritários é a grande maioria de pessoas que compõem o Brasil e o mundo.

Sabíamos, entretanto, que a aproximação entre emergentes só seria possível com o devido respeito pelas diferenças de gênero, étnicas, sociais e raciais, exigindo uma delicada política de alianças, que nem sempre se mostram possíveis na prática. São muitos gatilhos a serem desativados para que possamos ser menos reativos e dialogar abertamente uns com os outros. O campo de trabalho esteve ancorado numa total confiança na vida, seus ciclos e no respeito pelos limites e tempos de cada corpo. De qualquer maneira, olhando pelo viés da biologia especulativa de Emanuele Coccia, estamos trançados a tudo o que existe. Participamos da carne do planeta. Nos tornar “Outro” é um destino inevitável. O festival TRANÇA celebra e reivindica o direito à diversidade.

# FESTIVAL TRANÇA

Mais do que enfatizar as nossas urgências, reforçar cada movimento de insurgência e nos fortalecer diante das heranças coloniais estruturais que seguem nos assolando, aproveitamos para evocar a ancestralidade pré-histórica que nos é comum. Para muitas mulheres, indígenas, afrodescendentes, caipiras, caiçaras, ribeirinhos, queers, ciganos, aborígenes, entre outros, a vida que nos anima não é exclusivamente nossa, ela pode passar de um corpo a outro, de uma espécie a outra, ela transborda, migra, multiplica-se, está em constante estado de mutação. Descendemos do *homo ludens*, seres humanos que se sabem impermanentes, que brincam, jogam e constrói sistemas efêmeros de relações entre natureza e vida, em estado de experimentação e mutabilidade.

Então, se a literatura canônica foi se cristalizando como um fazer europeu, paralela à sobrevalorização da razão Iluminista sobre as inconstâncias da natureza, as inscrições emergentes demarcam uma “escrita do corpo”, um fazer vivo e movediço, onde o “penso logo existo” dá lugar ao “sinto, logo somos” - atitudes de maior humildade frente à criação. É neste lugar que enxergamos a força deste projeto, evidenciando o diálogo e a convivência, aproximações e deslocamentos, tornando possíveis outras combinações de espaço-tempo - metamorfoses que não tivemos pretensão de controlar.

O festival contou com 04 oficinas em SP-capital, 02 imersões na Bahia (Cumuruxatiba e Santa Cruz Cabrália) e 01 residência artístico-literária em São Paulo (Cunha), para além de 15 mesas de bate-papo, 04 performances e 01 sarau, que aconteceram online, entre 23 e 30 de Outubro/2023. Aqui constam conteúdos abordados nas mesas de bate-papo, imagens e textos produzidos pelos autores emergentes que estiveram imersos em Santa Cruz Cabrália e Cunha.

Para olhar para os conteúdos desta publicação, lhes convido a prestar atenção a três formas de lidar com o trauma que funda a produção de autores emergentes. O corpo atávico, marcado pela impotência diante do trauma, o corpo sintoma, reagentes à condição traumática, e o corpo metamórfico, que existe para além do trauma. As três categorias não são excludentes entre si, elas são moventes e perpassam todas as obras. Entretanto, nos ajudam a perceber quando nos tornamos reféns do mesmo sistema ao operar no sentido contrário a ele. A enxergar o caminho que precisamos percorrer para lembrar que “somos muito maiores do que o efeito daquilo que fizeram conosco” - frase da Jota Mombaça no MITsp2024.

Ao longo do festival, revisitamos lugares sombrios de nossa história colonial, entretanto, todas as mediações foram no sentido de jogar, dançar e experimentar diálogos através do corpo. As páginas que se seguem são entremeadas por rastros de vivências de *escrevitrança*, tateando lugares de criação colaborativa. Esperamos que este conteúdo vos afete, assim como o afeto por toda esta reconstrução.

Lucila Losito

*curadora e escritora*

*Festival TRANÇA | TOMAR CORPO*



# PAPOULA RUBRA

## Oração à Senhora do Corposempénemcabeça<sup>1</sup>

*Forçados a se descobrirem “índios”, os índios brasileiros descobriram que haviam sido unificados na generalidade por um poder transcendente, unificados para melhor serem des-multiplicados, homogeneizados, abasileirados. O pobre é antes de mais nada alguém de quem se tirou alguma coisa. Para transformar o índio em pobre, o primeiro passo é transformar o Munduruku em índio, depois em índio administrado, depois em índio assistido, depois em índio sem terra.<sup>2</sup>*

Para uma proposta sem pé nem cabeça convocando o corpo eu fui. Passei pelas nuvens até alcançar o mar, me acompanhei de uma pessoa estranha, em um lugar estranho, estranha eu fui sem pé nem cabeça, um corpo que Não Caminha nem pensa, rola, rasteja, sente flui. Uma pessoa estranha quis nos guiar, atravessamos o rio cheio de suor e palavras desperdiçadas, maravilhosamente precário, contraste, uma beleza de guerra apagada por sujeira e lixo histórico acumulado no Museu do Descobrimento, estrada, vazio, nas casas mato escondido restos de povos que foram eu fui sem lugar tentar encontrar raiz para um corpo sem pé nem cabeça, produzir poder, Senhora, pois pagaram minha viagem, me abri para compartilhar o quarto, invejei o espaço individual no alto paisagem, é sempre diferente nas fotos, imagens imaginação ingenuidade eram brancas, pretas, eram ricas, periféricas, quem eu era ninguém sabia nem eu estranha sem pé nem cabeça como esta vossa terra.

---

<sup>1</sup> O presente texto é uma mistura de relato de experiência e escrita literária em fluxo de pensamento a partir da experiência vivenciada na Imersão Trança BA entre os dias 25/08/2023 e 02/09/2023.

<sup>2</sup> CASTRO, Eduardo Viveiros. Os involuntários da pátria. ARACÊ: Direitos Humanos em Revista. Ano 4, n.5, fevereiro, 2017. pp.187-193

Ninguém nos recebeu com cerimônia, entrada apressada, tirar os sapatos na escada, cachorros grandes um dois porcos! não tinha espaço de trabalho, nem ateliê, textura de areia gosto comida sem carne e eu com fome de leão sem pé nem cabeça, tenho sentido muita fome de carne, de sangue, de teto, de vida, de história, de afeto, de um pão que não cabe no estômago, Senhora, também não tenho estômago para digerir tudo o que vi-vi. No Museu a Céu Aberto uma criança me atendeu, exploração infantil pensamos burgueses compadecidos, oportunidade de profissionalização pensamos liberais, educação pela prática pensamos construtivistas, exploração de mão de obra barata pensamos marxistas, turismo pensamos capitalistas consumistas, pensamos, pensamos, pensamos sem cabeça nem pé guiados por crianças na trilha das quinquilharias do descobrimento me lembrei dos livros de história da escola

- A) Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil
- B) a carta de Caminha é alta literatura
- C) os índios com suas vergonhas de fora

*Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos pretos e compridos pelas espáduas e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha<sup>3</sup>*

Sem vergonha eles a trouxeram! Caminha, caminha para ver os estandartes, relíquias e espólios da pirataria, imagens e restos de história, a cruz malta cor de sangue na vela encardida do barco a vela que a minha avó queimava em oração todos os dias para as almas e suas crenças confusas como A Primeira Missa eu não sei de que povo era a minha

---

<sup>3</sup> CORTESÃO, Jaime - A carta de Pero Vaz de Caminha. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1943.

tetravó Claudina nem a Cecília, me contou tia Marília que contava sua bisavó Zoraida que sua mãe, não sei se Porcina ou Conceição foi criada por um caçador de índios fugidos negos da terra indígena da Capitania de Matos Gerais, eles correram mato a dentro deixando algo embaixo da árvore o caçador pensou ser comida com sua fome de leão, não comeu era uma curumim caçou-a criaram-na, criada? Não sei, minha história é confusa como A Primeira Missa, Senhora e eu tenho uma fome de lobo-guará comeria o caçador ali mesmo como sei aqueles que temiam indígenas canibais e relataram antropofagia comeram índias e aposto que índios também, comeram e deram à terra de comer com a carne ancestral que me falta um pedaço, deve ser o baço que também não tenho mais.

Mas eu comprei uma tartaruga que balançava a cabeça na barraca da indígena perto da borboleta e da falsa oca cheia de imagens caretas da colonização e depois fui para Reserva Pataxó da Jaqueira me senti em casa estrangeira de todo lugar antes fui Peregrina mas perdi meu calcanhar no caminho de volta, Senhora, eu não sei de onde eu vim, Pataxós não haviam em Minas Gerais minha avó Maria parecia comigo no coração que eu também não tenho. Ali finalmente chegou minha alma demorada na viagem disparate com o tempo do avião quis ficar sabia ilusão turismo lá turismo cá turistas nos tornamos em nosso próprio lar comprado casasmansões por gente de todo lugar que paga em dólar e euros e eu não tive dinheiro para comprar um brinco de penas em outra vida eu teria ganhado um da minha bisavó na nossa aldeia que nunca aconteceu eu turista tive que ir sem bexiga e quis dormir uma vida cansada de existir, mas eu tenho insônia, Senhora, tomo remédio para conseguir.

Acordei de alma lavada e vi o mar deixar na areia a marca das minhas veias as conchas meus coágulos pensei, finalmente consegui chegar estou

impressa nesta terra como ela está em algum lugar de mim que ainda não se foi.

Paz seria suficiente para produção discente texto arte tanta gente na casa e tanto espaço de encontro vazio tanta coisa na minha cabeça sem cerebelo a colega disse que cortaria o cabelo e eu poderia levar em pedaço<sup>4</sup> palavra palavra para

*Quem pode com o vento, sacode  
Solta o peso das costas no caminho  
Viaja de barco na maré da raiz florescente  
No batuque do tempo caminha acesa  
Derrama borboletas tecidas pela língua ardente,  
viva<sup>5</sup>*

a tensão echarpe da alegria vem sorradeira, areia chuva terra encharcada lama água pedras de Santa Cruz Cabrália – Berço da Civilização Brasileira tanta bobeira não fosse a espada de são jorge enforcada por corda marítima grossa como a Jiboia que habita em mim cumprimenta a Jiboia que habita em você, Sucuri pode ser como a corrente grossa enferrujada aprisionada no Berço da Civilização Brasileira antes da escada sôfrega até a igreja da primeira missa que aceita ofertas mas não aceita divinas tetas enquanto as santas das madres terezas madalenas no pau-oco da árvore contra o olhar inquisidor dos santos josés maria aos seus pés ou seria aparecida colar de contas à venda cemitério lendas de ruínas desconhecidas querem o meu sangue os pernilongos com quantos

---

<sup>4</sup> Referência à performance *Reparar os fios de memórias* (2023), de Jocarla Gomes, realizada na Imersão Trança BA.

<sup>5</sup> Texto realizado na atividade Poéticas Co.Lab na Imersão Trança BA., ministrada por Lucila Losito. Nesta experiência em específico, uma pessoa do grupo (eu) assumia o papel de editora. As demais deveriam dizer até 3 palavras que viessem a mente e a editora cria o texto organicamente a partir disso, acrescentando conexões, acolhendo as faltas e encontros entre os tempos do pensar, do falar e do escrever em um processo colaborativo.

calombos voltei escutando chiclete a voz do historiador *o cacique tirou o cocar e deu para ele, que bonitinho!* estrondo de ondas na madrugada: o mar prenunciou o prelúdio da dor desta nossa terra nova e corroeu meu tecido muscular.

então, eu, nada! desejei ter coragem de entrar no mar, fui pelas beiradas, vertigem de onda fui longe caçando pedras dei a ela a mais bonita e não recebi sorriso nem no olhar nadei onde o mar acalmava descobri o mangue mas o cabelo de Jocarla<sup>6</sup> nunca foi meu nem as palavras lamentei cheguei ao estado bruto quando escutei o que não me dizia respeito ferir meu peito sem pulmões e por isso não grito fora da cabeça sem amígdalas vida sem amigas e ilusões eu sorrio brinco aceito coringa o bobo ginga e vibra onde a gravidade choca despedaçada mas não tenho pressa a lua é cheia e a reza à Pachamama é feita de grão em grão e não produzi nada quis bordar minha mágoa na esperança da juta e não deu nem para um pano de chão chique ainda escuto com nojo o historiador dizer do cacique bonitinho e lembro da minha avó com emoção e eu não sei de onde sou, Senhora.

entreguei meus esforços usando meu corpo roubado de ossos sem-pé nem-cabeça e tantos outros órgãos chorei ajudei tropega de rins ausentes arrastando câmera captura da jornada alheia e vi-vi arte-vida somos artistas e não salvadores da Pátria Amada Mãe Gentil no Berço da Civilização Brasileira cheia de bobeira e crueldade patriarcais nós somos quando acreditamos ser angelicais em nossa inutilidade nossa superioridade para valorizar os trabalhos locais de onde não estamos presentes atacando os iguais porque refletem o que desprezamos não não somos angelicais lá rá lá rá lá ouuuuuuuuummm domini artistis arrogantes artemos sem culpa da nossa exímia insignificância amém. Disse Rufino Sobre Exu

---

<sup>6</sup> Referência à performance *Reparar os fios de memórias* (2023), de Jocarla Gomes, realizada na Imersão Trança BA.

*Firmo o ponto  
novamente:  
a racionalidade moderna  
ocidental  
é decapitada e  
assombrada  
pela má sorte  
de ter o corpo (bara)  
  
deslocado da cabeça (ori).<sup>7</sup>*

Sou de Exú, sou inteira sempénemcabeça corpo indefinido me esquivo bestial  
da língua portuguesa júza final pois não sou santa nem cativa carrasca  
tampouco mansa há nesta vida muita rama rameira entrelaçada e quem se  
acha vara da justiça é broto em meio ao caos, descolonizadora colonial,

reconheço, todos  
têm seus erros e se há  
gente empenhada no  
esforço do

mínimo em modificar-se e apoiar,

que seja eu esta desgraçada

ou você também desgraçada,

mesmo que sejamos menos do que as mais desgraçadas

de nós,

que assim seja o mundo é grande demais e não somos gregas para imitar  
atlas já temos metade do mundo nas costas

o Norte em todos os tempos e todos os homens e algumas mulheres  
também

---

<sup>7</sup> RUFINO, Luiz. Exu e a Pedagogia das Encruzilhas. Seminário dos Alunos PPGAS-MN/UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

fazer maquete colonial e tirar foto para vender na galeria elite não mudará tudo talvez nada nem aprender a bordar vagonite com a profissional da vila que continua cozinheira, faxineira, dona de casa, mãe, vó, pobre, alegre ou triste como sempre foi antes e se não é por mérito dela.

cada um faz o que dá  
conta,

fazemos ou não só é isso é fato para tudo é dinheiro participar custa caro, tudo lá é mais caro que São Paulo e Minas nem falo aqui nem acho no mapa os ancestrais que habitaram Matozinhos, Pedro Leopoldo, Lagoa Santa, Vespasiano, São José da Lapa tamanha a carnificina mas Dr. Lund<sup>8</sup> dinamarquês ganhou museu e nome de praça enquanto eu passo sufoco não tenho esôfago aos 30 perdi as genitais as digitais esfoladas arrancaram-me a identidade que a genética negou na cara. Cara a cara corpo sem pé nem cabeça eu aceitei cura troca de lugar eu vi a instabilidade fora de mim vulnerabilidade exposta nós dançamos o silêncio de cada uma nós abraçamos nossos pedaços de corpo-vida e

nunca mais nos vimos.

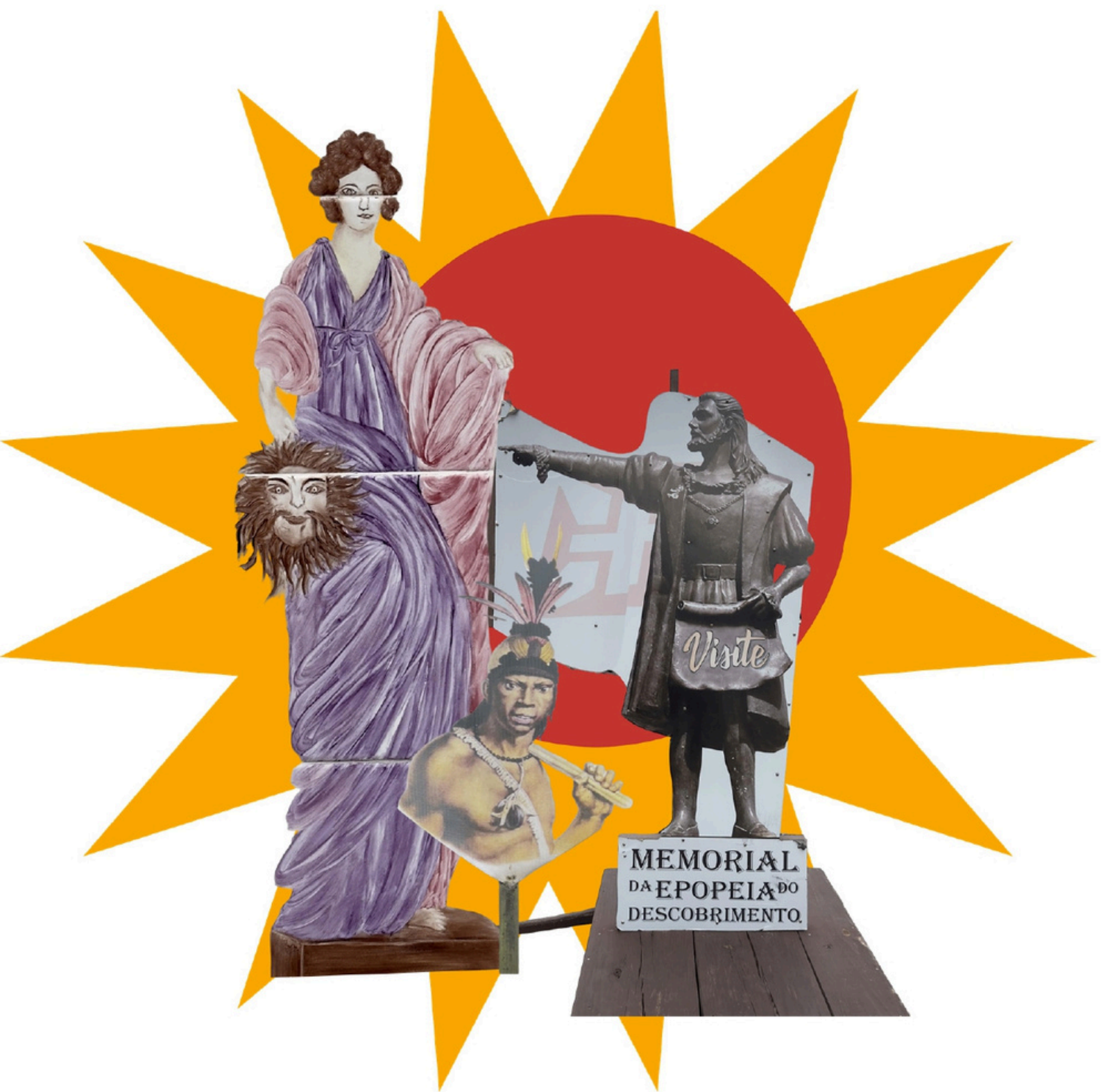
e tão pouco soube da Bahia  
de Porto Seguro

tampouco do Brasil descoberto acho que continua perdido e quando lá desejei não ter partido aqui desejei voltar sem ficar pois sei bicho do mato da cidade prefiro a praticidade ao parricídio da minha urbanidade cosmopolita que habita qualquer lugar pois sem origem ou teto sofre de vertigem diante das ondas sem corpo para suportar exceto porque vivo e sempénemcabeça,  
de toda maneira,  
continuo a respirar

---

<sup>8</sup> Ver Peter Wilhelm Lund

porque  
me resta  
o sangue  
nas veias  
Senhora!  
e com  
ou sem  
história  
é  
sangue  
indígena  
que corre  
de Claudina,  
Cecília,  
Conceição,  
Porcina,  
Zoraida,  
Maria,  
Mariluce  
e  
outras  
frutas  
s  
e  
m  
n  
o  
me.



MEMORIAL  
DA EPOPEIA DO  
DESCOBRIMENTO.



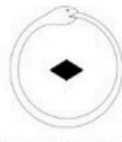
realização:

parceria institucional:

**PROAC**  
PROGRAMA DE  
AÇÃO CULTURAL  
SÃO PAULO

**EDITAIS**

to  
mar  
cor  
po



**SELVAGEM**  
sistema de estudos sobre a vida

**CULT  
SP**



**SÃO  
PAULO**  
GOVERNO  
DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS  
Secretaria da  
Cultura, Economia  
e Indústria Criativas